

Por falta de coragem
intui a canção e a estrada
vértebra por vértebra
os soluços na poeira.

Eis aqui as fibras do meu corpo
estáticas no curtume.

MEMÓRIAS DAS CACIMBAS

Antônio Rodrigues de Souza

Cisca no quintal de Pedro
a galinha pedrês.
O gato dormiu sobre as patas
e a laranja rachou no pé.

Dominga me oferece
um par de flores amarelas.
Passa um cavalo
e a segunda aurora.

Dançam mariposas no íngreme chão
e enquanto canto
meu coração absorve a infância.

São ciclos de rochas e flores medonhas
e como uma lenda
dorme a infância
na voz do meu avô.

O céu vai desabar.

Velha tarde que perdi
Frágil poema sobre o vento
e o coração entre os escombros.

Doce estrada de onde venho
menina dos olhos de luz
Respira a saudade no deleite das horas.

Busco a vida antes dos sete
a chita franzina no corpo
o ritmo da roupa no varal.

Alguma coisa sei que perdi:
palavras pessoas gestos
e restos de luz no fundo do prato.

Busco ainda: as tardes de quaresma
e o clamor dos sinos anunciando as missas.

Eis-me só de repente aqui
entre duas atmosferas.
A mesma lua, o mesmo céu, as mesmas mãos.

Venho, madrugada fugindo da noite,
recolher a memória das cacimbas
para cantar a tragédia dos nossos migrantes.